



**Sociedade das Ciências Antigas**

## **BEATA ELISABETE DA TRINDADE**



**Maria Elisabete Catez (1880 - 1906)**

“Sinto-O tão vivo na minha alma. Só tenho que recolher-me para encontrá-Lo dentro de mim, e faz toda a minha felicidade. Ele colocou no meu coração uma sede infinita e uma tão grande necessidade de amar, que só Ele pode saciar”.

"Como compreendo, agora, o recolhimento e o silêncio dos santos que não conseguiam mais abandonar a sua contemplação".

### **Prólogo**

“As reuniões que eu andava frequentando com minha mãe me entediavam e me deixavam sem gosto. É que quando Deus nos chama e entra em nosso coração, as coisas perdem o seu sabor. Nunca compreendi tão bem as palavras da poesia de São João da Cruz:

Se agora, em meio à praça,  
Já não for mais eu vista, nem achada,  
Direis que me hei perdido,  
E, andando enamorada,  
Perdidíssima me fiz e fui ganhada (C29).

Algo de extraordinário ia acontecendo na minha alma. Mas não sabia explicar, não podia compreender a ação de Deus em mim, cada vez mais. Era para mim um grande sofrimento recomeçar a vida cotidiana: visitas, encontros, conversas que não mais preenchiam o meu coração. Estava muito desejosa de que alguém me pudesse explicar o que estava acontecendo em mim...

Mas quem?

Deus nunca me abandonou e assim, um belo dia, não me recordo bem quando nem como, entrou na minha vida o padre Valle, do convento dos dominicanos de Dijon. Padre Valle tinha mais ou menos 60 anos e em 1904 seria escolhido para ser fundador na Bélgica do famoso convento de Saulchoir, que viria a ser um grande centro de estudos teológicos. Era um homem de uma profunda teologia, de formação tomista, seguro no que ensinava. A vida interior desse dominicano, além dos estudos, atingia muitas almas; era considerado um dos melhores pregadores de retiros. As carmelitas descalças da França se esforçavam para tê-lo pelo menos uma vez como orientador de retiro. Ele havia se formado na famosa escola de Lacordaire.

Aproximei-me dele num dia de Fevereiro de 1900, no pequeno locutório do Carmelo de Dijon. Quem me proporcionou o encontro foi a senhorita Weissahard, que tinha feito uma tentativa de ser monja, mas não conseguiu por vários motivos.

Eu me senti imediatamente à vontade diante daquele gigante e lhe pedi, com simplicidade, que me explicasse o que acontecia em mim. Padre Valle pediu-me que lhe contasse a minha vida. Disse-lhe: “Padre, sinto há tempo uma necessidade muito grande de silêncio, de recolhimento, uma presença muito forte de Deus na minha alma. Não sei, tenho uma vontade de permanecer em silêncio diante de Deus, em adoração”.

Com poucas palavras, padre Valle me explicou tudo e me ajudou a compreender melhor o mistério do Deus amor. Disse-me:

Sim, minha filha, toda a Trindade está na sua alma, como ensina o apóstolo Paulo: “Não sabeis que sois templo de Deus e o Espírito de Deus habita em vós?” (1Cor 3,16). A sua alma é o templo vivo da Santíssima Trindade. Não é o que Jesus disse: “Se alguém me ama e observa a minha palavra, eu e o Pai viremos a ele e faremos nele morada”?

Estas palavras do padre Valle preencheram como por encanto a minha alma e me encontrei tomada pela graça e pela luz de Deus. As suas palavras eram um jorrar de ideias, de vida.

Falou-me do mistério da encarnação, da habitação da Trindade Santa no meu coração... falou de tantas coisas que eu não consegui acompanhar.

Um dia, lembrando isso, disse para a priora: “Madre, eu não via a hora que o padre Valle acabasse de falar para eu mergulhar para sempre no mistério infinito do amor de Deus”.

Trecho do livro “Eu, Elisabete da Trindade”  
do Frei Patrício Sciadini, OCD Edições Loyola

Criança inteligente e precocemente contemplativa, de espírito firme, com apenas sete anos de idade, encontrava-se visitando o Cônego Isidoro Angles, muito amigo da família. Em certo momento, cansada de brincar e da infantil conversa com a irmã e as amigas, a menina aproximou-se do sacerdote e sussurrou-lhe ao ouvido:

- Monsieur Angles, eu serei freira. Quero ser freira!

- Que diz essa traquina? - perguntou sua mãe, sobressaltada.

Muito intuitiva, havia percebido ela, terem essas palavras uma seriedade não condizente com a idade de sua filha. Conhecia bem Elisabete e pressentia a realização desse desejo manifestado com tanta firmeza. Passou a noite atormentada e, no dia seguinte, procurou o cônego e perguntou-lhe,

ansiosa, se acreditava seriamente naquela vocação. A resposta traspassou-a como uma espada o coração:

Sim, creio.

### **Vitória sobre um temperamento irascível**

Filha e neta de oficiais, herda um temperamento ardente, pronto a replica.

Nasceu na manhã de 18 de Julho de 1880, no acampamento militar de Avor, perto de Bourges, onde seu pai Francisco José Catez era capitão. Maria Elisabete Catez foi batizada quatro dias depois. Menina de gênio forte e impetuoso, personalidade decidida, olhar chamejante, buliçosa, faladeira e muito carinhosa, Elisabete uniu-se com enorme afeto à irmã, Margarida, três anos mais nova, que tinha uma índole oposta: era tranquila e até tímida.

Quando contava apenas sete anos, Elisabete viu falecer o pai em seus braços, vítima de um ataque cardíaco. Esse fato marcou-a profundamente e deu-lhe uma sensível experiência da efemeridade das coisas terrenas. Poucos meses depois, a viúva mudou-se com suas duas filhas para um apartamento de onde se podia ver, a pequena distância, o Carmelo de Dijon.

Possuindo um caráter violento e irascível, desde a mais tenra idade, aquela criança batalhava por dominar-se, com uma vontade de ferro. Sua irmã testemunha a esse respeito: "à força de lutar consigo mesma, chegou a uma doçura angelical. Lembro-me dela bem pequena com verdadeiros acessos de cólera, gritando e batendo os pés... Esta menina tão difícil transformou-se numa jovem de grande serenidade".

Numa carta dirigida à mãe, em 1º de Janeiro de 1889, bem demonstra esse desejo de vencer o próprio temperamento: "Ao desejar-lhe um feliz Ano Novo, tenho a alegria de prometer-lhe que serei bem comportada e obediente; que não lhe darei mais oportunidade para que se zangue; que não chorarei mais e que serei uma mocinha exemplar para que a senhora sinta prazer em tudo".

Meses depois, em nova carta à mãe, escreve: "Espero que bem em breve terei a felicidade de fazer a Primeira Comunhão; por isso, serei ainda mais bem comportada porque pedirei a Deus Nosso Senhor que me torne ainda melhor".

De fato, em 19 de Abril de 1891, dia em que recebeu sua primeira comunhão, o anelado Pão dos Anjos, o temperamento da jovem Catez transformou-se de forma súbita e profunda. Depois da cerimônia, confidenciou a Maria Luiza Hallo, sua íntima amiga: "Não tenho fome; Jesus alimentou-me". Aquele primeiro contato com Jesus escondido na Sagrada Hóstia fora decisivo para seu itinerário espiritual. A partir de então, "o Mestre tomou posse total do seu coração", afirma o Padre Philipon.

No próprio dia em que recebeu a Eucaristia pela primeira vez, fez uma visita ao Carmelo e sentiu profunda emoção quando a priora, Madre Maria de Jesus, lhe explicou que o nome Elisabete significa "Casa de Deus". Tais palavras marcaram indelevelmente a menina, chamada a um convívio singular e profundo com a Santíssima Trindade, com os "meus Três", como ela mesma diria mais tarde, habitando com especial intensidade em sua alma.

### **“Casa de Deus”**

Sete anos depois da sua primeira comunhão, Elisabete escreverá:

... Nesse dia  
Em que Deus fez de mim sua morada,  
em que Deus se apoderou de meu coração,  
e de tal modo o fez que, desde então,  
desde esse misterioso colóquio,  
essa conversa divina, deliciosa,  
só aspirava a dar a minha vida,  
a retribuir um pouco o Seu grande amor  
ao Bem-Amado da Eucaristia  
que residia no meu pobre coração  
inundando-o de favores.

### **Harmonia entre a vida mística e a vida social**

Sem ser rica, a senhora Catez goza de um conforto suficiente para assegurar a formação de suas filhas. Por volta dos sete anos, Elisabete recebe as primeiras aulas particulares de Francês da senhorita Gemaux, sem dúvida para prepará-la para um ofício de professora de piano, sua mãe a inscreve no Conservatório de Dijon aos oito anos de idade.

Dotada de peculiares dons musicais, Elisabete começou a estudar no Conservatório de Dijon, aos oito anos, onde foi várias vezes elogiada. Com apenas treze, recebeu o primeiro prêmio de piano, num concerto que repercutiu na imprensa local e a tornou conhecida na cidade como instrumentista de talento. Além do Conservatório, não frequentou escola. Como era costume nesse tempo, as meninas recebiam educação em casa, com professoras contratadas pelas famílias. Ademais, o estudo do piano lhe tomava muito tempo e era constantemente convidada para concertos ou soirées musicais.

A senhora Catez e suas filhas mantinham um grande círculo de amizades. Na França do século XIX, ainda perfumada pela “doceur de vivre”, o relacionamento social proporcionava inúmeros prazeres inocentes, tais como sessões musicais, jogos de tênis, piqueniques e excursões às montanhas ou a encantadoras cidadezinhas Francesas. Todas essas atividades mantinham Elisabete e suas amigas constantemente ocupadas, dentro de um ambiente de alegria difícil de imaginar hoje em dia.

Assim, passeios, música e muitas outras diversões faziam parte do dia a dia de Elisabete. Ela se encantava com as montanhas e bosques, com os jogos, as igrejas e as vilas Francesas. Desfrutava também intensamente das frequentes viagens que a família fazia pelo sul do país. Era feliz no meio de uma sociedade que em nada impedia a prática das virtudes nem criava dificuldades para a vida interior daquela contemplativa adolescente.

No decorrer de uma festa, enquanto dançava e se divertia, a Sra. Avout, surpreendeu um olhar dela e lhe segredou: “Elisabete, não estás aqui, estás vendo Deus..”. Havia nos seus olhos “um não sei quê de luminoso que irradiava”, disse Louise de Moulin.

Um de seus amigos de juventude, que a tinha encontrado várias vezes quando todos os dias ia ver a sua grande amiga, a vizinha Marie Louise Hallo, Charles, irmão desta, não economiza superlativos quando descreve Elisabete como “muito simples e duma espantosa franqueza... muito querida pelas suas companheiras... muito alegre, muito musical... a sua doçura se refletia em um olhar extraordinário e luminoso... a pureza transparecia-lhe no olhar”. A Senhora Hallo confirmará o esplendor do olhar de Elisabete, especialmente quando voltava da comunhão: “nunca poderei esquecer o seu olhar. O rosto de Elisabete, quando voltava da comunhão, não se pode explicar”.

A própria Elisabete narra um acontecimento decisivo para seu itinerário espiritual, ocorrido nessa época, pouco antes de completar catorze anos: "Um dia, durante a ação de graças, senti-me irresistivelmente impelida a escolher Jesus como meu único esposo; e sem mais dilações, uni-me a Ele pelo voto de virgindade. [...] minha resolução de ser toda sua tornou-se mais definitivo ainda".

Terminadas as viagens de férias, a primogênita dos Catez regressava a Dijon carregada de saudades do Carmelo, cujo carrilhão escutava com gosto, cujo jardim divisava de sua janela e para cuja capela dirigia seus pensamentos. Um impulso místico a transportava para aqueles muros benditos, tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes.

### **Anseio pelo encontro com o Esposo**

Depois do verão de 1898, cumpridos os 18 anos, Elisabete tomou a firme determinação de entrar no Carmelo. Contudo, deparou-se com um obstáculo intransponível: a negativa peremptória da mãe, à qual, embora sofrendo enormemente, submeteu-se com resignação. Apenas quando completasse 21 anos, maioridade da época, seria autorizada a realizar seu anseio.

Os anos de espera não fizeram senão favorecer uma evolução espiritual em Elisabete, apoiada nos grandes mestres do Carmelo, especialmente Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz e Santa Teresa de Lisieux, falecida há pouco, em 1897. Com especial força ressoaria na alma da futura religiosa a leitura da História de uma Alma, que já circulava por toda França.

Durante uma missão redentorista, realizada em Dijon em 1899, nasceu no coração de Elisabete o desejo de ser vítima expiatória, de obter almas para seu Esposo, de ajudá-Lo a carregar a Cruz. Registrou esses propósitos em seu Diário Espiritual, no último dia da missão, concluindo nestes termos: "Oh! Meu Esposo, meu rei, minha vida, meu amor supremo, sustenta-me sempre neste caminho da cruz que escolhi para compartilhá-lo, pois sem Ti nada posso!".

Em Junho desse ano, a senhora Catez autorizou a filha a visitar as carmelitas e Elisabete apresentou à priora do Carmelo seu pedido de admissão. Daí em diante, foi se afastando cada vez mais da vida social. Ainda comparecia a algumas reuniões, mas seu espírito nelas estava ausente.

Em princípios de 1900, participou dos exercícios espirituais pregados por um Jesuíta, o padre Hoppenot. No dia do encerramento, 27 de Janeiro, anotou no mesmo Diário Espiritual: "Entreguei-me de tal modo ao bom Mestre, abandonei-me a Ele, confidenciando-lhe todos os meus desejos mais caros. Só quero o que Ele quer. Sou a sua vítima. Que faça de mim o que Lhe aprouver. Que me tome no momento que quiser, pois estou pronta e vivo na expectativa disso".

Surgiram ainda vários empecilhos para retardar a entrada de Elisabete no Carmelo, mas, por fim, seu anseio se tornou realidade em 2 de Agosto de 1901. Simples postulante, sentia-se já carmelita e todas as coisas no convento a encantavam. O jardim, os claustros, a regra, o recolhimento, o silêncio... tudo de tal maneira lhe falava de Deus que ela chegou a afirmar: "Só um tênue véu parece separar-nos, Ele está a ponto de aparecer".

Na festa da Imaculada Conceição desse mesmo ano tomou o hábito de noviça, e menos de dois anos depois, em 11 de Janeiro de 1903, fez a profissão religiosa.

Com sua vida e doutrina – breve, porém sólida – exerceu um grande influxo na espiritualidade de nossos dias, devido, sobre tudo, a sua experiência trinitária. Preciosas são suas "Elevações", "Retiros", "Notas Espirituais" e suas "Cartas".

### **Purificada pelo sofrimento**

Ora, no noviciado retiraram-se essas graças primaveris. A alma da esposa de Cristo, a Ele oferecida como vítima por amor, começava a ser acrisolada na dor e na provação. "Às radiantes claridades de postulante sucederam-se, para Sórora Elisabete da Trindade, as trevas de uma noite profunda", atesta a priora da época, Madre Germana de Jesus. "É impossível dizer o que sofreu, então, esta inocente filha, pouco antes imersa numa paz que parecia inalterável".

"A mão divina", esclarece o padre Philipon, "não lhe pouparão as purificações supremas pelas quais Deus costuma introduzir as almas heroicas na paz imutável da união transformante, e elevá-las acima de todo gozo e de toda dor". Deste modo, a jovem risonha e inquieta, acostumada a haurir com entusiasmo dos inocentes prazeres da vida, aprendia a aceitar com naturalidade os mais terríveis sofrimentos.

### O segredo mais íntimo

Analisando o itinerário espiritual de Elisabete da Trindade, o teólogo dominicano já mencionado, Marie-Michel Philipon, descreve detalhadamente a atuação dos dons do Espírito Santo sobre ela e afirma ter sido o da Sabedoria - o mais divino de todos os dons - que lhe permitiu participar, no mais alto grau possível nesta Terra, do conhecimento que Deus tem de Si mesmo no Verbo, dando origem ao Amor.

Elisabete se sentia como filha adotiva da Trindade, em uma completa co-naturalidade com Ela, de maneira a todos os seus atos provirem de sua alma e, ao mesmo tempo, de Deus. Vivia constantemente, por assim dizer, no próprio coração da Trindade e deste centro indivisível sua alma contemplava todas as coisas em suas razões mais elevadas, mais divinas.

Tudo nesta Terra - inclusive a dor e o sofrimento - ficavam num segundo plano para ela. Possuía, "por instinto, o senso das coisas eternas e divinas, e precisaria violentar-se para descer ao nível das ninharias em que se arrastam numerosas almas, mesmo religiosas - que se dizem contemplativas - e que não sabem esquecer suas misérias e seu nada".

Tal era o segredo mais íntimo de Elisabete, manifestado em sua vida e em seus escritos. Sua grande ambição era "dizer a todas as almas que fonte de força, de paz e de felicidade encontrariam se consentissem em viver nessa intimidade" das pessoas divinas.

### "Laudem gloriæ"

A espiritualidade trinitária de Sórora Elisabete fazia-lhe possuir, como vimos, como que... uma visão antecipada dos hábitos da eternidade, enchendo-a de paz e tornando sua vida deiforme.

Ora, antes de chegar à visão beatífica, a alma dessa privilegiada carmelita precisava subir ainda mais um degrau rumo à perfeita união com o Amado. E esse processo iniciou-se, fortuitamente, durante uma conversa espiritual com outra religiosa a propósito de um curto trecho das epístolas de São Paulo: "ut simus in laudem gloriæ eius" - "ser o louvor de sua glória" (Ef 1, 12).

Por uma graça toda especial, aquelas palavras do Apóstolo desvendaram-lhe o cerne de sua espiritualidade e a essência de sua missão nesta Terra. Dera início a uma nova etapa em sua vida, na qual o lema *Laudem gloriæ* passou a ser seu antonomástico. Sórora Elisabete vai usá-lo inclusive como assinatura, a fim de marcar esse rico período caracterizado por um completo abandono a Providência Divina. "Para ser louvor de glória - dirá ela - **é preciso morrer a tudo que não é Ele, a fim de só vibrar sob seu toque**". Difícil é compreender, para quem está pouco acostumado aos arcanos da mística, toda a profundidade espiritual e teológica contida nesse brevíssimo lema. Ele



reflete um elevado estágio de vida interior, no qual a alma transcende até à própria busca da santidade **para se preocupar exclusivamente com a glória divina**. Não se trata mais de ir atrás dos meios para alcançar o Céu, mas de iniciar já na Terra "o Sanctus na pátria dos bem-aventurados".

Enamorada por Cristo, que é **“seu livro preferido”**, eleva-se à Trindade, até que “Isabel desaparece, perde-se e se deixa invadir pelos Três”.

“A Trindade: aqui está nossa morada, nosso lugar, a casa paterna de onde jamais devemos sair... Encontrei meu céu na terra, posto que o céu é Deus e Deus está em minha alma. No dia em que compreendi isto, tudo se iluminou para mim”.

“Crer que um ser que se chama Amor habita em nós a todo instante do dia e da noite, e nos pede que vivamos “em sociedade com Ele”, eis aqui, garanto-vos, o que tem feito de minha vida um céu antecipado”.

Amou intensamente sua vocação carmelita e também amou e imitou a “Janua Coeli”, como chamava Nossa Senhora.

### **"Janua Coeli"**

Dentro desta antecipada prelibação celeste, detinha-se com frequência a meditar nas relações de Maria com a Trindade. Imaginava o Pai inclinando-se sobre Ela, desejando que fosse Mãe no tempo d'Aquele de quem é Pai na eternidade. E vislumbrava o Espírito de Amor - o qual preside todas as operações de Deus - n'Ela engendrando o Verbo encarnado, a partir de seu Fiat. (Janua Coeli, a porta do céu, a alma).

O desejo de ser escrava do Senhor, a exemplo de Nossa Senhora, lhe encantava. Foi por sua íntima união com a Trindade que Maria abriu aos homens a "porta do Céu" - Janua Coeli -, trazendo ao mundo o Salvador. A criança divina, o Cristo interno operando no plano da forma com plena consciência, controle.

Quando já estava muito doente, Sórora Elisabete pedia à Virgem Santíssima que velasse por sua saída do Carmelo para o Céu, assim como a havia protegido em sua entrada ao convento. Maria ia ser a porta aberta propiciadora do seu encontro definitivo com a Santíssima Trindade. "Janua Coeli deixará passar Laudem gloriæ", ouviram-na dizer nas últimas horas de sua agonia.

### **"Vou à vida, à luz, ao amor"**

Na primavera de 1905, Elisabete começou a sentir os primeiros sintomas de uma doença incurável na época: o mal de Addison, afecção crônica das glândulas supra-renais que não produziram mais as substâncias necessárias para o metabolismo. De onde resulta a astenia característica, perturbação gastrointestinal, náuseas, hipotensão arterial, (quade) impossibilidade de se alimentar, emagrecimento, tudo isto conduz a um esgotamento físico total e à morte. Sobre este estado geral se inserem outras complicações, como ulcerações interiores, fortes dores de cabeça, insônias... À medida que ela se aproxima da morte, todos estes sintomas se manifestam mais violentamente. Há também crises mais agudas, como a do dia 13 de Maio quando pensou que fosse morrer.

Sabendo-se a caminho da morte, cresceu nela o desejo de fazer o bem às almas, unindo-as à Santíssima Trindade. Multiplicaram-se, então, os escritos de despedida e as cartas de conselhos espirituais. A pedido da priora, anotou algumas meditações de seu último retiro, feito em Agosto de 1906, nas quais transparece a perspectiva da eternidade, onde parecia já viver sua alma: "Quão bela

é a criatura assim despojada, libertada de si própria! [...] Ela sobe, eleva-se acima dos sentidos, da natureza; ultrapassa-se a si mesma; domina toda alegria e toda tristeza, e tudo transpõe para só descansar quando tiver penetrado no interior d'Aquele que ela ama".

Em fins de Outubro desse ano, a doença agravou-se irremediavelmente. Ela sabia aproximar-se a hora tão ansiada de viver com "seus Três", e nos últimos dias de agonia, repetia, "com voz encantadora" estas palavras: "Vou à luz, à vida, ao amor...". A superiora não a abandonava dia e noite, e foi testemunha de como suportou com paciência e serenidade a separação desta vida terrena. Desfigurada de dor, chegou a ficar irreconhecível. No dia 9 de Novembro, as 5:40 hrs. da manhã, virou-se do lado direito, inclinou a cabeça para trás e sua figura se iluminou. Os olhos, fechados há vários dias, se abriram, parecendo vislumbrar algo por cima da cabeça de Madre Germana que, ajoelhada à sua cabeceira, rezava. Assim partiu para encontrar-se com "seus Três". Morre aos 26 anos de idade.

Depois da sua morte, Sórora Elisabete continua sendo um exemplo de alta espiritualidade e singular vida trinitária, convidando-nos a seguir seus passos na experiência da vida em Deus. Mais que ensinamentos teológicos, ela transmitiu para os séculos futuros uma rica vivência mística, amadurecida de forma impressionante em apenas alguns anos no Carmelo e abundantemente relatada em cartas e outros escritos.

Esse legado para o futuro é assim descrito pelo Papa João Paulo II, na homilia da sua beatificação:

"À nossa humanidade desorientada, que já não sabe encontrar a Deus ou que O desfigura, que procura uma palavra na qual fundamente sua esperança, Elisabete dá o testemunho de uma abertura perfeita à Palavra de Deus que ela assimilou, a ponto de nutrir dela verdadeiramente sua reflexão e sua oração, de encontrar nela todas as suas razões de viver e de se consagrar ao louvor de sua glória".

Foi beatificada pelo papa João Paulo II, no dia 25 de Novembro de 1984, festa de Cristo Rei. Sua festa é celebrada no dia 8 de Novembro.

### **Elevação à Santíssima Trindade**

Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente para me fixar em Vós, imóvel e pacífica como se a minha alma estivesse já na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de Vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me faça penetrar mais na profundidade do vosso Mistério. Pacificai a minha alma, fazei nela o vosso céu, a vossa morada querida e o lugar do vosso repouso. Que eu nunca Vos deixe só, mas que aí permaneça com todo o meu ser, bem desperta na minha fé, toda em adoração, toda entregue à vossa Ação criadora.

Ó meu Cristo amado, crucificado por amor, almejaría ser uma esposa para o vosso Coração, aspiraria cobrir-Vos de glória, queria amar-Vos... até morrer de amor ! Mas sinto a minha impotência a peço-Vos para me "revestir de Vós mesmo", para identificar a minha alma com todos os movimentos da Vossa alma, para me submergir, invadindo-me, a substituindo-Vos a mim, para que a minha vida não seja senão uma irradiação da vossa Vida. Vinde a mim como Adorador, como Reparador, a como Salvador.

Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-Vos, quero tornar-me inteiramente dócil, para tudo aprender de Vós. Depois, através de todas as noites, de todos os vazios, de todas as impotências, quero fixar-Vos sempre a permanecer sob a vossa grande luz; ó meu Astro amado, fascinaí-me para que eu não possa jamais sair da vossa irradiação.



Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, "descei sobre mim", para que na minha alma se faça como que uma encarnação do Verbo: que eu seja para Ele uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o seu Mistério. E Vós, ó Pai, debruçai-vos sobre a vossa pequena criatura, "cobri-a com a vossa sombra", não vendo nela senão o "Bem-Amado no qual pusestes todas as vossas complacências".

Ó meus Três, meu Tudo, minha Beatitude, Solidão infinita, Imensidade onde me perco, entrego-me a Vós como uma presa. Sepultai-Vos em mim para que eu me seque em Vós, enquanto espero ir contemplar na vossa luz o abismo das vossas grandezas.

### Sua mensagem:

Que corramos no caminho da santidade.

Que o Espírito Santo eleve nosso espírito.

Que sejamos sempre um louvor à glória da Santíssima Trindade.

Que sejamos dóceis às moções do Espírito Santo. (movimentos)

### Oração

Deus, rico em misericórdia, que revelastes à beata Elisabete da Trindade o mistério de vossa presença escondida na alma do justo, e dela fizestes uma adoradora em espírito e verdade, concedei-nos, por sua intercessão, que também nós, perseverando no amor de Cristo (na comunhão com o princípio Crístico, a pérola), mereçamos ser transformados em templos do Espírito de Amor, para louvor de vossa glória. Amém.

Beata Elisabete da Trindade, rogai por nós!

### Algumas frases das cartas de Elisabete da Trindade

Eu sou "Elisabete da Trindade", ou seja, a Elisabete que desaparece, que se perde nos Três e se deixa invadir por eles.

Só nos resta esvaziar-nos, desapegarmo-nos de tudo, para que nada mais exista senão Ele, e só Ele... É aos pés da cruz (o silêncio no quaternário do homem) que a gente sente em profundidade todo esse vazio das criaturas, essa sede infinita d'Ele.

Sim, nós lhe pertencemos totalmente, entreguemo-nos todos ao nosso predileto Jesus num generoso abandono! Fazer a sua vontade é o que há de mais belo. Ofereçamos-lhe nosso exílio. É tão doce sofrer por quem se ama...

Amemos, portanto, o nosso Dileto, mas com amor calmo e profundo!

Permaneçamos em recolhimento ao lado Daquele que É (Esd 3,14), junto ao Imutável cuja luz sempre resplandece sobre nós. Nós somos aqueles que não são. Êxodo 3;14: Disse Deu á Moisés: **Eu Sou o que Sou**. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: **Eu Sou** me enviou á **vós outros**.

Vamos até Ele, que quer que sejamos todos seus e que nos envolve por toda parte, de maneira que já não somos mais nós que vivemos, mas sim Ele (Gl 2,20).

Como é grande a bondade do divino Prometido e como parece refulgir mais na obscuridade da prova!

Ele nos marca com o sinete da cruz para que mais nos assemelhemos a ele... (Nos assemelharemos mais á Ele a cada passagem na cruz, o cadinho..).

Na realidade, existem correspondências de amor que só se pode compreender na cruz.

Ele me aparece sempre mais ao meu pensamento como a Águia divina. Nós somos a presa do seu amor. Agarra-nos, coloca-nos sobre suas asas e leva-nos para longe, às alturas sublimes onde a alma e o coração gostam de perder-se!

... acaso podemos desejar alguma coisa que ele não queira? Porventura não estamos prontas a permanecer neste mundo enquanto ele quiser? Como é bonito unir, identificar a nossa vontade com a dEle!

Que alegria sofrer, dar algo a quem se ama.

“Deus em mim, e eu nele” deve ser o nosso lema. Que jubiloso mistério a presença de Deus dentro de nós, neste íntimo santuário das nossas almas onde sempre podemos encontrá-lo, mesmo quando não percebemos mais sensivelmente a sua presença!

Que importa o sentimento? Talvez ele esteja também mais perto, quando menos o sentimos.

É aqui, no fundo da alma, que gosto de procurá-lo. Preocupemo-nos em não deixá-lo jamais sozinho, e que a nossa vida seja uma contínua oração.

Quem poderá, acaso, raptar-nos o nosso Bem-Amado ou distrair-nos daquele que nos tomou e nos fez totalmente seus? Como é grande a sua bondade!

Os seus sofrimentos agradam muito ao seu Bem-Amado, o qual se compraz em prolongá-los desta maneira. Eles constituem o sinal da sua predileção, da sua vontade de uni-la intimamente a si. (apenas o sofrimento nos fará largar tudo e segui-lo... é através da dor que se é curado..).

Se ele nos prova, ocultando-se à nossa alma, é porque já sabe que o amamos demasiado para que o deixemos. Por isso, deixemos que ele ofereça também a outras almas as suas doçuras e as suas consolações para atraí-las a si. E nós, amemos esta obscuridade que nos aproxima dEle.

Se soubesse como às vezes sinto nostalgia do céu! Como gostaria de voar para lá, junto de meu Deus!

Percamo-nos nessa Trindade Santa, nesse Deus todo Amor, deixemo-nos transportar nessas regiões onde não há mais do que Ele, só Ele!

Pertencemos-lhe... deixemos que o nosso Bem-Amado nos tome e leve aonde melhor lhe aprouver... O meu coração não aguenta mais, pois está todo possuído por Ele! Mas o que estou dizendo? Ele não se apodera de nós para levar-nos para longe, Ele que está sempre dentro de nós: Ele, o “Imutável”, “Aquele que É”.

... Encontrei o meu céu na terra, nesta querida solidão do Carmelo onde estou a sós com meu único Deus. Tudo faço com ele e realizo todas as coisas com alegria divina.

Oh! Sinto que todos os tesouros encerrados na alma de Cristo são meus e me sinto, assim, tão rica.

Com que alegria e felicidade vou abeberar-me neste manancial em favor de todos aqueles que amo e que me fizeram tanto bem.

Aqui não há nada, nada mais que Ele somente. Ele é tudo, ele basta, só se vive dEle e encontramos-Lo por toda parte...

... quando se sente triste, diga-o àquele que tudo sabe, que tudo compreende e que é o hóspede de sua alma. Pense que ele se acha dentro de você como numa pequena hóstia.

Durante o dia, pense às vezes naquele que está dentro de você e que tem tanta sede de ser amado. É perto dEle que você sempre me há de encontrar!

Veja só como é maravilhosa a união das almas! Devemos amar-nos acima de tudo o que é passageiro: então nada pode separar. Amemo-nos assim.

**Aconselho-o a simplificar o número de livros...** Pegue o seu crucifixo, olhe-o, ouça-o. Você sabe que é ali que temos nosso encontro.

Mesmo no trabalho, podemos rezar ao bom Deus: basta pensar nele. Então tudo se torna suave e fácil, porque não agimos sozinhos, mas ali também Jesus está atuando.

“Aprende primeiro a concentração sem esforço; transformai o trabalho em jogo; fazei com que o jugo que aceitastes seja suave e que o fardo que carregais seja leve!”. (“Meu jugo é suave e meu fardo é leve” Mt 11; 30).

Amo sempre mais estas queridas grades que me constituem prisioneira do amor.

Vivamos com Deus como com um amigo. Procuremos avivar a nossa fé para comunicar-nos com Ele através de todas as coisas, pois assim conseguimos a santidade.

Nós, carregamos o céu dentro de nós, porque aquele que sacia os bem-aventurados, na luz da visão beatífica, entrega-se a nós na fé e no mistério.

... o abandono leva-nos a Deus. Eu sou muito jovem, mas às vezes me parece que já sofri muito. Então, nesses momentos de confusão, quando o presente me era tão doloroso e o futuro me parecia ainda mais obscuro, eu fechava os olhos e me abandonava como uma criança nos braços daquele Pai que está nos céus.

**...Vivamos na intimidade** com o nosso Amado, sejamos totalmente dEle como Ele é completamente nosso.

Bem que eu quisera ser uma alma totalmente silenciosa e adoradora para poder penetrar sempre mais Nele. Quisera encher-me de Sua plenitude, que pudesse dá-lo mediante a oração àquelas pobres almas que ignoram o dom de Deus!

Quando contemplo a minha vida passada, descubro, como que uma divina perseguição de amor sobre minha alma. Oh! Quanto amor! Sinto-me como que esmagada sob o seu peso e só me resta calar e adorar!

Quer saber como é que me comporto quando me encontro um pouco cansada? Olho para o crucifixo (para a matéria), e, vendo como ele se sacrificou por mim (através da matéria), sinto que só posso prodigalizar-me por ele e consumir-me, a fim de **restituir-lhe** um pouco daquilo que me deu!

E pensar, minha boa Madre, que temos o céu dentro de nós, aquele céu de que às vezes sinto tão pungente nostalgia!

Oh! Se você soubesse como Ele é bom, como é todo amor! Eu lhe peço que se revele à sua alma, que seja o amigo que você sempre saiba encontrar. Então tudo se esclarece e ilumina e a vida se torna algo tão belo de viver!

Creio que não há nada que nos manifesta tanto o amor que está no coração de Deus como a Eucaristia. É a união consumada, é Ele em nós e nós Nele; e não lhe parece que isto é o céu na terra?

Ele colocou no meu coração uma sede do infinito e uma necessidade tão grande de amar, que só Ele pode saciar.

O sacrifício (do eu) é um sacramento que nos leva a Deus. Ele o envia àqueles que ama e deseja que estejam perto dEle!

... Se o bom Deus nos separou, é porque ele quer ser o Amigo que a gente sempre pode encontrar. Ele está postado à porta do coração e espera.

E eu amo tanto aquele Deus que me quer ciumentamente só para si. Sinto tanto amor me envolvendo a alma! É como se fosse um oceano em que me lanço e me perco... Ele está em mim e eu Nele. Só tenho que amá-lo e deixar que me ame, a cada instante, em cada coisa.

A alma não pode resistir ao Seu apelo. Ele subjuga, acorrenta; a gente não se pertence mais a si, mas nos tornamos a presa do seu amor. O coração pode sofrer arranhões, mas na alma reina uma paz inefável...

Eu sou “Elisabete da Trindade”, ou seja, a Elisabete que desaparece, que se perde nos Três e se deixa invadir por eles.

Vivamos de amor, sejamos simples como ela, sempre no mais completo abandono, imolando-nos (retificando-nos no bom combate) momento após momento no cumprimento da vontade de Deus, sem procurar coisas extraordinárias.

Nós somos tão fracas ou, até mesmo, não somos senão miséria; mas ele sabe disso e gosta de perdoar-nos, de soerguer-nos e, depois de, arrebatá-nos para junto de si, na sua pureza, na sua santidade infinita.

Os santos são almas que se esquecem a todo instante de si, que desaparecem de tal maneira naqueles que amam, que não se preocupam com sua própria pessoa...

Como compreendo, agora, o recolhimento e o silêncio dos santos que não conseguiam mais abandonar a sua contemplação.

"Que alegria crer que Deus nos ama até o ponto de habitar em nós, de tornar-se o companheiro de nosso exílio, o confidente, o amigo de todos os momentos!"

Visto que é o amor que une a alma a Deus, quanto mais intenso é o amor, mais ela entra profundamente em Deus e concentra-se nele.

"A oração é o vínculo das almas".

"Pensa que tua alma é o templo de Deus, pois a todo instante do dia e da noite as três Pessoas Divinas habitam em ti. Quando se tem consciência disto, entra-se numa intimidade verdadeiramente adorável porque não estamos sozinhos".

"O humilde jamais colocará Deus demasiado no alto ou a si mesmo demasiado baixo".

"Se soubéssemos apreciar o valor do sofrimento, sentiríamos fome dEle".

"A característica do amor é dar sempre e sempre receber".

"Não percamos um só sacrifício; há tantos que podem ser feitos durante um dia!".

"À luz da eternidade, a alma vê as coisas no ponto certo. Oh! Como é vazio tudo o que não foi feito para Deus e com Deus!".

"Quanto mais nos damos a Deus, mais Ele se dá a nós".

"Dentro de mim ha uma solidão onde Cristo mora, a qual ninguém poderá tira-la de mim".

"Creio que o segredo da paz e da felicidade consista em esquecer-se, em desinteressar-se de si mesmo".

"Encare todo sofrimento e toda provação como uma prova de amor que lhe vem diretamente por parte do bom Deus para uni-lo a Ele".

"Recolha-se no íntimo de sua alma e ali encontrará o seu Dileto pronto a acumulá-lo de tantos favores".

"No céu não poderemos mais sofrer por aquele que amamos. Por isso, aproveitemos agora cada um dos nossos sofrimentos para consolar nosso Dileto".

"Nosso lema deve ser estas palavras de São Paulo: Nossa vida está escondida com Cristo em Deus".

"Quisera gritar a todas as almas e falar-lhes da vaidade, do nada, de tudo o que passa quando não é feito para Deus".

"Como é triste ter que deixar o tabernáculo e despedir-se do Hóspede divino! Mas estás sempre comigo, estás no meu coração... único meu Dileto!".

"Só nos resta esvaziar-nos, desapegarmo-nos de tudo, para que nada mais exista senão Ele, e só Ele... É aos pés da cruz que a gente sente em profundidade todo esse vazio das criaturas, essa sede infinita dEle".

"Como é grande a bondade do divino Prometido e como parece refulgir mais na obscuridade da prova!"

"Aqui não há nada, nada mais que Ele somente. Ele é tudo, Ele basta, só se vive dEle e encontramos-lo por toda parte..".

"Nós carregamos o céu dentro de nós, porque aquele que sacia os bem-aventurados, na luz da visão beatífica, entrega-se a nós na fé e no mistério".

"Como compreendo, agora, o recolhimento e o silêncio dos santos que não conseguiam mais abandonar a sua contemplação".

"Quando me fazem uma observação injusta, sinto o sangue como que fervendo nas minhas veias e todo o meu ser se rebela!... Mas Jesus está comigo, ouço a sua voz no fundo do meu coração, e então me sinto disposta a tudo suportar por amor a Ele".

"Amo tanto esse mistério da Santíssima Trindade, pois é um abismo em que me perco".

"Como a fé é bela! É o céu nas trevas, mas um dia o véu cairá e então contemplaremos na sua luz Aquele que amamos".

"Deus é o principio e o vínculo indissolúvel de toda amizade verdadeira e profunda".

"Que o amor seja o seu claustro e o carregue sempre assim consigo, pois então encontrará a solidão no meio dos ruídos e da multidão".

"Não posso dizer que amo o sofrimento em si mesmo, mas o amo porque me torna semelhante com aquele que é meu Esposo e meu amor".

"Oxalá soubesses como o sofrimento é necessário para que se realize em tua alma a obra de Deus!"

"Constitui uma alegria tão grande para o bom Deus ver que uma alma reconhece a própria incapacidade".

"Tenho profunda compaixão pelas almas que só vivem das banalidades da terra. Acho que são escravas e gostaria de dizer-lhes: sacuda este jugo que pesa sobre vós! Que fazeis destes troncos em que estais acorrentadas, vós mesmas e as coisas mais ínfimas?"

"O orgulho alimenta-se do amor-próprio. Pois bem, é preciso que o amor de Deus seja tão forte, para poder apagar todo amor de nós mesmos".

"A alma que vive unida a Deus não age senão sobrenaturalmente, e as ações mais corriqueiras, ao invés de separá-la dEle, aproximá-la-ão sempre mais".

"A minha alma: santuário interior no qual vivo dia e noite com aquele que é o Amigo de todos os momentos".

"Os santos aprenderam a verdadeira ciência: aquela que nos faz sair das coisas criadas, e, sobretudo de nós mesmos, para lançar-nos em Deus e viver somente dEle!".

"Se conhecesses o Mestre, a oração não te enfadaria mais. Na realidade, ela é um repouso, uma distensão. É dirigir-se com toda a simplicidade àquele que se ama".

"Jesus é o meu tudo, o meu único tudo. Que alegria, que paz este pensamento proporciona à alma" (porque de resto nada levamos, toda riqueza e posse é ilusão).

"Parece-me que os santos são almas que a todo instante 'se esquecem', que se perdem naquele que amam, sem pensar em si mesmas, sem saudades das criaturas".



"Em tudo e por tudo vivamos todo momento, em comunhão com este divino Verbo Encarnado, com Jesus que mora dentro de nós e quer revelar-nos todos os seus mistérios".

"É preciso separar-se de tudo para possuir Aquele que é tudo".

"Oferece a Deus tudo o que fere o teu coração, confia-lhe tudo. Pensa que dia e noite tens alguém em tua alma, que jamais te deixa sozinha".

"Parece-me que minha oração é onipotente, porque não sou eu que reza, mas meu Cristo que reza em mim".

"Unir, identificar a nossa vontade com a de Jesus: então somos sempre felizes, sempre contentes".

"Fazer a vontade do Senhor é o que há de mais belo".

"Quando entramos em “nossas casas”, devemos sentir que nelas Deus está presente, que ali Ele é amado e respeitado".

"Como é difícil suportar os diferentes temperamentos! Um santo afirmou que isto constitui a flor da caridade".

"Também no meio do mundo podemos ouvir a voz de Deus no silêncio de um coração que só quer ser dEle".

"Olhar somente a Ele, receber como vindo diretamente de seu amor tanto a alegria como a dor; isso estabelece a alma nas alturas serenas".

"Ele é um Deus de amor. Nós não podemos compreender até onde chega seu amor particularmente quando nos prova".

"Que nossa vida se esgote Nele... Façamo-nos silenciosas para ouvir aquele que tem tanto a nos dizer..".

"Ó meu Deus, pacificai minha alma, fazei dela vosso céu".

"É preciso que o amor de Deus seja tão grande que chegue a extinguir por completo nosso amor próprio".

"É a “Virgem Maria”, esse ser luminoso, todo puro da pureza de Deus, que me tomará pela mão para me introduzir no céu". "É tão transparente, tão luminosa, que julgaríamos ser ela (a “Virgem Maria”) a própria Luz. No entanto, é apenas o Espelho do Sol de Justiça”.

"A pureza de intenção, a simplicidade, nos dará a herança que o Senhor nos preparou na eternidade". "Essa intimidade com “Jesus”, no íntimo da alma, é que foi o belo sol a iluminar minha vida".

"Entra nesse pequeno reino de tua alma e adora a esse grande Senhor que nele mora como em seu próprio palácio. Te ama tanto!".

"Esta “Rainha das Virgens” é também a “Rainha dos Mártires”; e é no seu “coração” que “a espada traspassou”, porque Nela tudo se passa no íntimo..”.

"A casa de nosso Pai, o céu, está no centro de nossa alma".

“Quando o peso do corpo se faz sentir e cansa a vossa alma, não desesperéis, mas ide pela fé e o amor Àquele que disse: Vinde a mim e Eu vos aliviarei”.

### Missão Póstuma

“Então, como passará à eternidade”? Pergunta-lhe uma irmã do Carmelo.

“Se o Senhor me incumbe algum fim, parece-me que a minha missão no céu consistirá em atrair as almas ao recolhimento interior..”.

Dias antes da sua morte, insistirá de novo: “Parece-me que a minha missão no céu consistirá em atrair as almas ao recolhimento interior, ajudando-as a sair de si mesmas para se unirem a Deus através de um movimento muito simples e amoroso. Procurarei mantê-las nesse profundo silencio interior, que permite a Deus imprimir-se nelas e transformá-las n'Ele”.

Ela andou a passos largos no caminho da perfeição, entre penas interiores e doenças, e viveu como "louvor de glória" da Santíssima Trindade presente na alma, encontrando no mistério da habitação de Deus na alma, o seu "céu na terra", seu carisma e missão eclesial.



Maria Rolland (mãe)



Francisco José Catez (Pai)



Elisabete



Aos 2 anos



Aos 4 anos



Aos 15 anos



Após ter recebido o 1º prêmio de piano no conservatório de Dijon



Aos 13 anos



Aos 13 anos, 1ª comunhão



Elisabete e sua irmã



Elisabete e sua irmã



Com sua irmã Margarida 3 anos mais nova



Aos 18 anos em 1901



Como postulante no Carmelo de Dijon



Junho de 1901 um pouco antes de entrar no Carmelo



Com véu branco





Me Germana de Jesus  
31 anos – Piora

Ir. Maria da Trindade  
26 anos, Vice-Piora



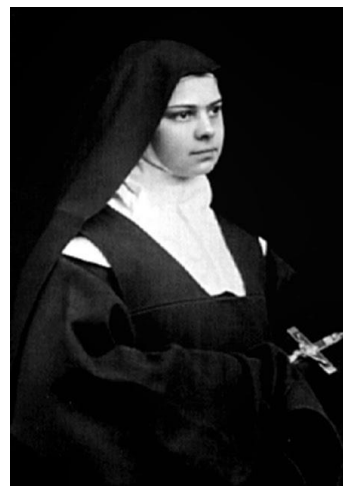
2 de Agosto de 1901, as portas do Carmelo se abriram para acolher a feliz postulante



1903



Dezembro de 1902 antes de fazer a profissão religiosa



Pouco depois de fazer a profissão



Um mês antes de sua morte, junto à imagem por ela chamada “Janua Coeli”



Já muito doente perto da morte e em seu velório

**FIM**